

BRANQUITUDE E ANTIRRACISMO: UMA ANÁLISE DOS CURSOS DE PSICOLOGIA DE MARINGÁ/PR

Mariana Barros Cunha (PIBIC/CNPq), Adriana de Fátima Franco (Orientador). E-mail: adrifranco@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Psicologia / Psicologia do Desenvolvimento Humano

Palavras-chave: Teoria Histórico-Cultural; Relações Raciais; Neoliberalismo.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar grades curriculares dos cursos de Psicologia da cidade de Maringá/PR e a presença de temáticas vinculadas às relações raciais. A pesquisa é de natureza exploratória, fundamentada na teoria Histórico-Cultural. A Psicologia em determinados momentos na história foi hegemonicamente conivente com a manutenção de estruturas sociais que geram desigualdades. Para averiguar como, na atualidade, a psicologia está engendrando seu currículo, buscamos as instituições de Ensino Superior da cidade de Maringá/PR que oferecem o curso de Psicologia. Encontramos 7 cursos. A análise envolveu a análise da grade curricular de cada um desses cursos, de acordo com a disponibilidade dos dados, por meio de acesso ao website das instituições de ensino superior. Importante ressaltar que somente a grade curricular dos cursos de graduação foi consultada. Compreendemos que a ciência não é neutra e a construção do currículo é atravessada por uma visão de homem, de sociedade e de ciência. Apontamos que existem avanços na construção das grades curriculares e disciplinas com temáticas sobre relações raciais já despontam, entretanto, as mudanças são tímidas se comparadas à presença de temáticas com o foco no diagnóstico e interseccionalidade e/ou empreendedorismo.

INTRODUÇÃO

Historicamente, desde o surgimento dos cursos de graduação em Psicologia, a formação em psicologia se baseou na oferta de disciplinas isoladas que se distanciaram das questões históricas. Ainda que a Psicologia como ciência tenha nascido no mesmo tempo histórico, dos estudos sobre relações raciais, Navasconi (2019) o autor analisa que as vivências de pessoas negras e LGBTQIAPN+ estiveram ausentes das discussões acadêmicas. Ressalta que o racismo e a homofobia são ferramentas para a manutenção de poder e de privilégio. Para o autor o debate precisa voltar-se ao reconhecimento da estrutura de poder e na intencionalidade daquilo que é apresentado, tanto no conhecimento como no cotidiano. No reconhecimento dessa intenção perceberemos não apenas o que está na opressão, mas também quem está no privilégio: o sujeito branco (Navasconi, 2019).

O termo “pacto narcísico” estudado por Bento (2002), afirma que uma das ferramentas do capitalismo é excluir o branco da discussão do racismo, e quando é acionado para debater, a discussão volta-se para o movimento de autodefesa e/ou defesa seus iguais (Bento, 2002). Somos ensinados que há um distanciamento brancos e os “outros”, distância criada e propagada pelo grupo dominante. Seguindo assim, compadecer diante da opressão e de violências raciais explícitas sobre o diferente é facilitada por estar longe e não percebemos a herança material, simbólica e subjetiva, que é apresentada como natural e é a raiz do problema.

Nessa direção, a construção do profissional da psicologia não se faz apartado do seu momento histórico. O universitário ao entrar em contato com as disciplinas ofertadas no curso, o faz a partir de uma compreensão de ciência, de humanidade e de sociedade. O aluno ao entrar na instituição se apropria da linguagem e do fazer científico por meio da relação indivíduo-universidade-sociedade. Nessa direção, surge a pergunta: estamos sendo formados para lidar com as demandas que o racismo e conseqüentemente, a branquitude, produzem na saúde, trabalho e na educação?

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória bibliográfica, foram incluídos na análise os 7 cursos da cidade de Maringá. A pesquisa envolveu a análise da grade curricular de cada um desses cursos, de acordo com a disponibilidade dos dados, por meio de acesso ao website das instituições de ensino superior. Importante ressaltar que somente a grade curricular dos cursos de graduação foi consultada. A análise dos dados foi agrupada em três categorias: o foco na psicoterapia, formação crítica em psicologia e as que apresentam especificamente disciplinas voltadas para a discussão étnico-racial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 7 cursos de ensino superior, sendo 6 em instituições particulares e 1 estadual, nomearemos os cursos por letras A, B, C, D, E, F e G. Nas páginas da internet havia um breve resumo do que seria o curso e para quem se destina, a duração destes cursos, áreas do mercado de trabalho e a lista de disciplinas que seriam fornecidas. Verificamos que nos sites dos cursos A e C no item, com o título “Sobre o Curso”, o foco encontra-se na psicoterapia e há a prevalência de termos como “uma jornada para uma melhor versão de si mesmo, rumo ao aperfeiçoamento pessoal (Curso A)”; “compreender mentes e sentimentos (Curso A)”; “desenvolverá habilidades essenciais para ajudar as pessoas a viverem vidas mais saudáveis e equilibradas (Curso C)”; “aprender sobre a complexidade das mentes (Curso C)” e “superar desafios emocionais (Curso C)”. Nas descrições dos cursos E e F com o título no site “Psicologia na E” e “O que você vai aprender” percebemos também o foco na psicoterapia, entretanto, no propósito de produzir diagnósticos, como “Nos últimos anos a atuação dos profissionais da área tem sido cada vez mais valorizada e requisitada, visto que vivenciamos um contexto onde multiplicam-se os casos de ansiedade, depressão e angústias (Curso E)”;

“diagnostique e trate distúrbios mentais com técnicas baseadas em evidências (Curso F)”.

Já nas descrições dos cursos B, D e G, na parte dos objetivos da formação, essas universidades apresentam um teor crítico com o foco em formar “profissional analítico, crítico da sociedade e consciente de seu papel (Curso B)”; “formar psicólogos com condições para a reflexão crítica acerca dos conhecimentos e práticas produzidas pela Psicologia, bem como as circunstâncias históricas (Curso G)”; o Curso D, obteve um mudança durante o tempo da pesquisa, no início da pesquisa tinha o texto como “profissionais aptos ao trabalho, de forma crítica e reflexiva” e mudou para “ajudar as pessoas, empatia, aptidão para dialogar e orientar com confiança, capacidade de persuasão, postura livre de preconceitos, além de gosto pela leitura, visão analítica e boa comunicação para conduzir os pacientes em suas jornadas terapêuticas”.

Quanto às matérias específicas, encontramos as que aparentam tratar de relações raciais, sendo no curso E com o título de “Educação das Relações Étnicorraciais” e o curso G como “Psicologia das Relações Étnicos-Raciais”. Outras matérias que nos dão pista para debater a interseccionalidade são encontradas nos cursos B, D e G, sendo “Psicologia e Relações de Gênero”; “Diversidade social”; “Marcadores Sociais da Diferença”. Por outro lado, nos cursos F e E encontramos a matéria de empreendedorismo na grade.

Dessa maneira, vemos dois tipos de reprodução de linguagem, sendo a primeira da Psicologia como um profissional liberal, nas matérias de empreendedorismo dos cursos F e E. E a reprodução de conceitos e ideários normativos, de maneira a repetir concepções de saúde-doença, no processo de profissionais que ajudem a ter uma mente saudável, como é visto nas seguintes descrições “ajudar os outros a lidar com desafios emocionais e comportamentais (curso A)”, “aprender tudo sobre a complexidade da mente humana e como ajudar as pessoas a superar desafios emocionais (curso B)” e “diagnostique e trate distúrbios mentais com técnicas baseadas em evidências (Curso F)”, descrições que induzem um teor individual do adoecimento psíquico. Em contrapartida, temos Universidades que pontuam que seus objetivos são de criticidade, como “Se tornará um profissional analítico, crítico da sociedade e consciente de seu papel (Curso B)”; “Formação com respaldo no compromisso social da Psicologia atuando a favor da saúde mental (Curso D)”; “por objetivo formar psicólogos com condições para a reflexão crítica acerca dos conhecimentos e práticas (Curso G)”.

CONCLUSÕES

O objetivo geral da pesquisa foi de analisar as grades dos cursos de Psicologia de em uma cidade de porte médio no interior do PR e suas vinculações com o tema das relações raciais. A formação para o debate acerca das relações étnico-raciais se mostrou, nas grades curriculares dos cursos de psicologia analisados, ainda bastante precária e marcada por lacunas. Contudo, é recomendada uma certa cautela na interpretação dos dados apresentados, visto que uma série de limitações devem ser consideradas. Elas envolvem o fato de a coleta de dados ter sido realizada somente nos websites das instituições, as dificuldades de acesso às informações, a possibilidade de que o currículo consultado não seja

aquele em uso, bem como a dificuldade na seleção das disciplinas baseando-se apenas em seus nomes. Não podemos desconsiderar que uma série de disciplinas que podem abordar o racismo, ainda que não como objetivo principal, podem não ter sido consideradas. E, ainda, constatar que há matérias específicas que tratam sobre relações raciais, mesmo que não estejam em todos os cursos mostra um pequeno avanço na discussão, de maneira que há uma possibilidade de debate.

Retomando a ideia de verificar a intencionalidade dos cursos, não podemos negar que em alguns cursos há uma reprodução da norma capitalista por meio das descrições e cursos promovidos. Nesse sentido, a sociedade marcada pelo capitalismo também manifesta a branquitude. O ensino superior entrega ao sujeito instrumentos que podem ser de uso, mas de perpetuação da ideia dominante, do sofrimento e omissão. Com o pouco de informações que temos sobre as grades curriculares nos cursos de Maringá, talvez não tenhamos tantas respostas, mas temos pistas de como caminha a formação nesse território. Pontuamos que para uma formação crítica, que busque superar a lógica da manutenção dos privilégios, devemos retomar a história e as estruturas de opressão que nos beneficia e nos adocece.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Adriana Franco por me auxiliar na condução dessa pesquisa, enriquecendo meus conhecimentos. Agradeço também ao CNPq por me conceder bolsas durante esse período, as quais incentivaram minha dedicação à pesquisa, como também a Universidade Estadual de Maringá pela estrutura para que eu pudesse realizar minha pesquisa.

REFERÊNCIAS

BENTO, M. A. S.. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/T.47.2019.tde-18062019-181514. Acesso em: 2024-08-24.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

NAVASCONI, P. V. P. **Vida, adoecimento e suicídio: racismo na produção do conhecimento sobre jovens Negros(as) LGBTTIs**. Letramento, p.236, jul, 2019.